

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0110/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 27/04/2025

Reino da Arábia Saudita saúda reformas de liderança palestina



Esta foto divulgada pelo Escritório de Imprensa da Autoridade Palestina (PPO) mostra o presidente Mahmud Abbas (C) liderando orações ao lado do secretário-geral da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), Hussein al-Sheikh (3º-L), durante uma reunião do Comitê Executivo da organização em Ramallah em 26 de abril de 2025.

O Reino da Arábia Saudita saudou ontem as recentes medidas de reformas anunciadas pela liderança palestina, descrevendo-as como passos importantes para fortalecer a acção política palestina.

Em um comunicado emitido pelo Ministério das Relações Exteriores, o Reino expressou seu apoio à criação de novos cargos dentro da Organização para a Libertação da Palestina e do Estado da Palestina, incluindo a nomeação de

Hussein Al-Sheikh como Vice-presidente do Comitê Executivo da OLP e Vice-presidente do Estado da Palestina.

O Reino da Arábia Saudita estendeu suas felicitações a Al-Sheikh e desejou-lhe sucesso em suas novas responsabilidades.

O Reino afirmou que essas reformas melhorariam o processo político palestino e contribuiriam para esforços mais amplos para garantir os direitos legítimos do povo palestino, principalmente o direito à autodeterminação e o estabelecimento de um Estado independente ao longo das fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital. **Fonte-Arab News**.

Chefe do MWL recebe presidente da Assembleia Nacional do Paquistão



Sheikh Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana e presidente da Organização de Estudiosos Muçulmanos, recebeu Sardar Ayaz Sadiq, presidente da Assembleia Nacional do Paquistão. Durante a recente reunião na sede da liga em Meca, os dois lados discutiram uma série de questões de interesse mútuo.

Sadiq elogiou os esforços islâmicos e internacionais da liga, incluindo seus esforços para promover a unidade islâmica, servir às minorias muçulmanas, combater a islamofobia, abordar a questão da educação de meninas em comunidades muçulmanas e representar o mundo islâmico de forma louvável em fóruns internacionais.

Durante sua turnê pelo Reino, o orador paquistanês realizou reuniões com o governador de Riade, Príncipe Faisal bin Bandar, o governador de Medina, Príncipe Salman bin Sultan, o Presidente do Conselho Shoura, Sheikh Abdullah Al-Asheikh, e o Grão-mufti Sheikh Abdulaziz Al-Asheikh. **Fonte-Arab News**.

Ministérios sauditas se unem para o Hajj seguro



O Ministério do Hajj e Umrah começou a distribuir cartões Nusuk para a temporada do Hajj, com mais de 150.000 cartões emitidos e uma capacidade de produção diária de 70.000.

O Ministério do Hajj e Umrah começou a distribuir cartões Nusuk para a temporada do Hajj, com mais de 150.000 cartões emitidos e uma capacidade de produção diária de 70.000. Impressos internamente em instalações de última geração sob rígidos padrões de qualidade e segurança, os cartões Nusuk apresentam medidas de segurança anti-duplicação para ajudar o pessoal a verificar a identidade e o status legal dos peregrinos. Cada cartão inclui informações abrangentes sobre o peregrino, como detalhes da acomodação em Meca, Medina e nos locais sagrados, juntamente com informações de contacto de seu provedor de serviços.

Os cartões visam agilizar a orientação aos peregrinos e reduzir os casos de peregrinos perdidos, ao mesmo tempo em que concedem acesso a serviços de enriquecimento. A impressão continuará até que todas as autorizações e vistos do Hajj sejam emitidos. Os peregrinos internacionais receberão seus cartões na chegada por meio de suas empresas de serviço. Os peregrinos domésticos podem retirar seus cartões Nusuk de empresas de serviços em pontos de encontro designados antes da temporada do Hajj.

Enquanto isso, o Ministério do Interior, por meio da Direcção Geral de Segurança Pública, apreendeu indivíduos envolvidos em actividades fraudulentas postando anúncios falsos e enganosos da campanha do Hajj nas mídias sociais.

Os anúncios ofereciam falsamente moradia e transporte para peregrinos dentro dos locais sagrados, Hajj em nome de outros, serviços de animais para sacrifício e vendas de pulseiras do Hajj. O ministério disse que os perpetradores foram presos, os procedimentos legais iniciados e encaminhados ao Ministério Público.

Ele esclareceu que os peregrinos domésticos devem obter permissões do Hajj por meio da plataforma Nusuk do Ministério do Hajj e da Umrah, enquanto os peregrinos internacionais devem usar entidades autorizadas por meio da plataforma digital unificada Tasreeh. Em relação aos títulos de animais de

sacrifício (hady, adahi, fidyah, sadaqah), o ministério confirmou que o Projecto Saudita para Utilização de Hady e Adahi (adahi.org, número unificado **920020193**) é o único provedor autorizado.

O Ministério do Interior pediu aos cidadãos e residentes que cumpram todos os regulamentos e denunciem violações ligando para o **911** em Meca, Riade e na Província Oriental, e para o **999** em outras partes do Reino.

O Ministério do Turismo determinou que, de 29 de abril até o final da temporada do Hajj, todas as agências de viagens, instalações turísticas e provedores de acomodação em Meca não devem concluir reservas ou check-ins para portadores de visto de entrada ou residente, excepto aqueles com um visto válido do Hajj ou uma autorização oficial para trabalho ou residência durante a temporada. Esta medida está alinhada com os arranjos do Ministério do Interior que exigem que todos os outros portadores de visto deixem Meca a partir de 29 de abril para garantir a segurança dos peregrinos. **Fonte-Arab News**.

Activos do PIF saudita triplicam com aumento de 390% desde 2016, meta para 2030 aumentada



Após sua reestruturação sob a Visão 2030, o PIF se transformou de um fundo soberano tradicional em um impulsionador mundialmente reconhecido de diversificação econômica e inovação.

O Fundo de Investimento Público do Reino da Arábia Saudita registrou um aumento de 390% nos activos sob gestão desde o lançamento da Visão 2030, de acordo com o último relatório anual da iniciativa. Os activos do PIF dispararam de US$ 160 bilhões em 2016 para US$ 941,3 bilhões em 2024, superando sua meta anual de US$ 880 bilhões e ressaltando a trajectória de rápido crescimento do fundo sob a agenda transformadora do Reino.

Com base nesse impulso, o fundo revisou sua meta para 2030, elevando sua meta de gestão de activos de US$ 1,87 trilhão para US$ 2,67 trilhões. A ambição actualizada reflecte a posição fortalecida do fundo e a crescente influência na formação da futura economia do Reino da Arábia Saudita. Entre 2016 e 2024, o PIF registrou uma taxa composta de crescimento anual de 22%, destacando sua

capacidade consistente de gerar retornos fortes enquanto avança nas prioridades de desenvolvimento nacional. **Fonte-Arab News**.

Hamas diz estar aberto a trégua de 5 anos em Gaza e libertação de reféns



Palestinos fazem fila para uma refeição quente em uma cozinha de caridade administrada pelo Programa Mundial de Alimentos das Nações Unidas (PMA) no campo de refugiados de Nuseirat, no centro da Faixa de Gaza, em 26 de abril de 2025.

O Hamas está aberto a um acordo para acabar com a guerra em Gaza que permitiria a libertação de todos os reféns e uma trégua de cinco anos, disse ontem uma autoridade, enquanto os negociadores do grupo conversavam com mediadores.
Uma delegação do Hamas estava no Cairo discutindo com mediadores egípcios maneiras de sair da guerra de 18 meses, enquanto, no terreno, equipes de resgate disseram que ataques israelenses mataram pelo menos 35 pessoas. Quase oito semanas após o bloqueio da ajuda israelense, as Nações Unidas dizem que alimentos e suprimentos médicos estão acabando. O funcionário do Hamas, falando sob condição de anonimato, disse que o grupo militante palestino "está pronto para uma troca de prisioneiros em um único lote e uma trégua de cinco anos". A última tentativa de selar um cessar-fogo segue uma proposta israelense que o Hamas rejeitou no início deste mês como "parcial", pedindo um acordo "abrangente" para interromper a guerra desencadeada pelo ataque do grupo a Israel em 7 de outubro de 2023. A oferta israelense rejeitada, de acordo com um alto funcionário do Hamas, incluía um cessar-fogo de 45 dias em troca do retorno de 10 reféns vivos. O Hamas tem exigido consistentemente que um acordo de trégua leve ao fim da guerra, a uma retirada total de Israel da Faixa de Gaza e a um aumento na ajuda humanitária. Uma retirada israelense e um "fim permanente da guerra" também teriam ocorrido - conforme descrito pelo então presidente dos EUA, Joe Biden - sob uma segunda fase de um cessar-fogo que começou em 19 de janeiro, mas entrou em colapso dois meses depois. O Hamas buscou negociações sobre a segunda fase, mas Israel queria que a primeira fase fosse estendida. Israel exige o retorno de todos os reféns apreendidos no ataque de 2023 e o desarmamento do Hamas, que o grupo rejeitou como uma "linha vermelha". "Desta vez, vamos insistir em garantias sobre o fim da guerra", disse Mahmud Mardawi, um alto funcionário do Hamas, em um comunicado.

"A ocupação pode voltar à guerra após qualquer acordo parcial, mas não pode fazê-lo com um acordo abrangente e garantias internacionais." Mais tarde, ontem, o alto funcionário do Hamas, Osama Hamdan, reiterou que "qualquer proposta que não inclua uma cessação abrangente e permanente da guerra não será considerada". "Não abandonaremos as armas da resistência enquanto a ocupação persistir", disse ele em um comunicado. **Fonte-Reuters.**

Houthis dizem que 8 ficaram feridos em ataques dos EUA à capital do Iêmen



Fumaça sobe do local de um ataque aéreo dos EUA em Sanaa, Iêmen, em 26 de abril de 2025.

Rebeldes houthis apoiados pelo Irão disseram ontem que uma série de ataques dos EUA em território sob seu controle, incluindo a capital iemenita Sanaa, feriu pelo menos oito pessoas. "Oito cidadãos, incluindo duas crianças, ficaram feridos quando o inimigo americano atacou um distrito residencial" a oeste de Al-Rawda, em Sanaa, disse à agência de notícias Saba, administrada pelos houthis. Ele citou o ministério da saúde do governo Houthi como a fonte do que disse ser um número provisório. Um correspondente da AFP em Sanaa relatou ontem ter ouvido explosões. Os houthis, que controlam grandes partes do país devastado pela guerra, também relataram ataques em outras partes do país, incluindo seu reduto Saada, no Norte. Eles disseram que o porto de combustível de Ras Issa, na região oeste de Hodeida - onde dizem que 80 pessoas foram mortas em ataques há pouco mais de uma semana - também foi atingido. Os houthis, parte do "eixo de resistência" do Irão contra Israel e os Estados Unidos, se retratam como defensores de Gaza durante a guerra Israel-Hamas. Eles lançam regularmente mísseis e drones contra Israel e navios de carga que operam na principal rota comercial do Mar Vermelho.

Desde janeiro de 2024, os militares dos EUA atacam suas posições, dizendo que têm como alvo os "terroristas houthis apoiados pelo Irão" para impedir seus ataques. Desde que o presidente dos EUA, Donald Trump, assumiu o cargo, esses ataques se intensificaram, com ataques quase diários no mês passado. Ontem, os houthis disseram ter lançado um míssil e dois drones contra Israel, onde o Exército disse ter interceptado um míssil do Iêmen e um drone vindo do Leste. O CENTCOM, o comando militar dos EUA na região, postou imagens dos

porta-aviões americanos Harry S. Truman e Carl Vinson realizando ataques contra os houthis. **Fonte-Reuters.**

Houthis do Iêmen disparam míssil em direcção a Israel



Manifestantes, predominantemente apoiadores do movimento Houthi, se reúnem em Sanaa, Iêmen, em 25 de abril de 2025, para demonstrar solidariedade aos palestinos, prometendo que os ataques aéreos dos EUA não impediriam seu apoio.

Os rebeldes houthis do Iêmen lançaram um míssil na manhã de ontem em direcção a Israel, que os militares israelenses disseram ter derrubado. Sirenes soaram em partes de Israel ao redor do Mar Morto sobre o ataque, que os houthis não reivindicaram imediatamente. "O míssil foi interceptado antes de cruzar o território israelense", disseram os militares israelenses. Enquanto isso, os ataques aéreos americanos continuaram visando os houthis durante a noite de ontem, parte de uma intensa campanha contra os rebeldes que começou em 15 de março. Os EUA estão mirando os houthis por causa dos ataques do grupo ao transporte marítimo no Mar Vermelho, uma rota comercial global crucial, e a Israel. Os houthis são o último grupo militante no autodenominado "Eixo da Resistência" do Irão que é capaz de atacar Israel regularmente. Avaliar o número de vítimas da campanha de ataques aéreos dos EUA tem sido difícil porque os militares não divulgaram informações sobre os ataques, incluindo o que foi alvejado e quantas pessoas foram mortas. Os houthis, por sua vez, controlam estritamente o acesso às áreas atacadas e não publicam informações completas sobre os ataques, muitos dos quais provavelmente têm como alvo locais militares e de segurança. Em 18 de abril, um ataque ao porto de combustível de Ras Isa matou pelo menos 74 pessoas e feriu outras 171 no ataque mais mortal conhecido da campanha americana. **Fonte-Reuters**.

Famílias incapazes de se reunir enquanto a fronteira Índia-Paquistão se fecha

O empresário indiano Rishi Kumar Jisrani passou dois dias assistindo a uma confusão de pessoas carregando malas e deixando entes queridos na fronteira com o Paquistão antes que ela feche, com esperanças cada vez menores de que sua família tenha permissão para atravessar. À medida que as relações entre

Islamabad e Nova Délhi se deterioram rapidamente, as nações vizinhas descartaram os vistos e expulsaram os cidadãos uns dos outros, dando às pessoas apenas alguns dias para chegar à fronteira antes que ela feche. Jisrani, 39 anos de idade, teme que já seja tarde demais, com sua esposa paquistanesa e seus dois filhos agora presos do outro lado. "Eles disseram a ela que podem permitir que meus filhos voltem, já que são portadores de passaporte indiano, mas não ela", disse ele, acrescentando que não recebeu nenhum conselho do lado indiano. "Como podemos separar uma mãe de seus filhos?" Desde que a Índia acusou o Paquistão de apoiar um ataque mortal em 22 de abril contra turistas em Pahalgam - alegações que Islamabad nega-os dois países trocaram tiros e farpas diplomáticas. E na movimentada passagem de fronteira Attari-Wagah, os laços desgastados estão destruindo dolorosamente as muitas famílias que atravessam a divisão. Não houve números imediatos sobre quantos cidadãos de qualquer nacionalidade estão no país um do outro e devem cruzar. **Fonte-Arab News**.

Líbano altera lei de sigilo bancário



As mudanças estão entre várias reformas importantes que o Líbano precisa fazer para desbloquear bilhões de dólares em ajuda para reiniciar a economia.

O Parlamento do Líbano concedeu na passada quinta-feira aos órgãos reguladores maior acesso a informações de contas bancárias, uma reforma fundamental exigida pelos credores internacionais antes que o país possa desbloquear fundos de resgate.

O primeiro-ministro Nawaf Salam chamou a aprovação do parlamento de mudanças nas leis de sigilo bancário de "um passo necessário em direcção à reforma financeira desejada que nosso governo prometeu alcançar e um pilar fundamental para qualquer plano de recuperação". Acrescentando que a cultura de opacidade financeira de décadas não era mais o benefício para o investimento que já foi, Salam disse que a reforma era fundamental para "restaurar os direitos dos depositantes e a confiança dos cidadãos e da comunidade internacional". O Líbano já foi um centro financeiro regional em expansão apelidado de "Suíça do Médio Oriente", com leis rígidas de sigilo bancário como atracção principal, mas a crise econômica que começou em 2019 destruiu sua reputação fiscal. Desde então, as autoridades estão sob pressão local e internacional para alterar as leis

em meio a acusações de que figuras influentes levaram grandes somas para o exterior, enquanto os depositantes regulares foram impedidos de acessar suas economias e o valor da moeda local despencou.

O grupo libanês de direitos humanos Legal Agenda disse que as emendas permitem que "órgãos reguladores e de supervisão bancária", incluindo o banco central, "solicitem acesso a todas as informações bancárias sem vincular a solicitação a um objectivo específico". Esses órgãos agora poderão auditar contas de clientes por nome, acessar detalhes de depósito e analisar possíveis actividades suspeitas, disse o grupo.

As mudanças estão entre várias reformas importantes que o Líbano precisa fazer para desbloquear bilhões de dólares em ajuda para reiniciar a economia após o colapso, que foi amplamente atribuído à má gestão e à corrupção.

O ministro das Finanças, Yassine Jaber, disse à emissora local LBC que as emendas "abriram mais espaço" para o banco central do Líbano acessar contas. Mas "não devemos pensar que, com esta lei, qualquer pessoa pode entrar em um banco e exigir detalhes da conta" para quem quiser, acrescentou Jaber, que está em Washington com outros altos funcionários para reuniões com o FMI e o Banco Mundial. **Fonte-Reuters**.

Polícia francesa caça suspeito de assassino de religioso muçulmano dentro de mesquita

O Primeiro-ministro francês, François Bayrou, denunciou ontem o esfaqueamento fatal de um fiel muçulmano dentro de uma mesquita enquanto a polícia caçava o assassino, que filmou sua vítima enquanto ela estava morrendo. O agressor esfaqueou o fiel dezenas de vezes e depois o filmou com um telefone celular enquanto gritava insultos ao Islão no ataque da passada sexta-feira na vila de La Grand-Combe, na região de Gard, no sul da França. "Um fiel foi assassinado na passada sexta-feira", escreveu Bayrou em uma mensagem postada no X. "A atrocidade islamofóbica foi exibida em um vídeo", acrescentou. "Estamos com os entes queridos da vítima, com os crentes que estão tão chocados. Os recursos do Estado são mobilizados para garantir que o assassino seja preso e punido", escreveu Bayrou. Mais cedo, ontem, os investigadores disseram que estavam tratando o assassinato como um possível crime islamofóbico. O suspeito ainda estava foragido, disse o promotor regional Abdelkrim Grini à AFP. As imagens feitas pelo assassino mostraram-no insultando "Alá", o termo árabe para Deus, logo após realizar o ataque. O suposto agressor enviou o vídeo que havia filmado com seu telefone, mostrando a vítima se contorcendo em agonia, para outra pessoa, que o compartilhou em uma plataforma de mídia social antes de excluí-lo. O assassinato em si não foi mostrado nas imagens postadas nas redes

sociais, mas foi filmado por câmeras de segurança dentro da mesquita. Em sua própria filmagem, o assassino percebe essas câmeras e é ouvido dizendo: "Vou ser preso - com certeza". De acordo com outra fonte, que também pediu para não ser identificada, o suspeito do crime, embora não tenha sido preso, foi identificado como um cidadão francês de origem bósnia que não é muçulmano. **Fonte-Reuters**.

O que é o Tribunal Internacional de Justiça e por que razão está a pesar sobre a ajuda humanitária em Gaza?



O Tribunal Internacional de Justiça profere uma decisão não vinculativa sobre as consequências jurídicas da ocupação israelense da Cisjordânia e de Jerusalém Oriental.

O principal tribunal da Organização das Nações Unidas (ONU) começará amanhã a ouvir 40 países sobre o que Israel deve fazer para fornecer assistência humanitária desesperadamente necessária aos palestinos em Gaza e na Cisjordânia ocupada. No ano passado, a Assembleia Geral da ONU pediu à Corte Internacional de Justiça que avaliasse as obrigações legais de Israel depois que o país proibiu efectivamente a agência da ONU para refugiados palestinos, o principal provedor de ajuda a Gaza, de operar. Os Estados Unidos, o aliado mais próximo de Israel, votaram contra a resolução. Há mais de um mês, Israel cortou novamente toda a ajuda a Gaza e seus mais de 2 milhões de habitantes. Israel contestou que haja escassez de ajuda em Gaza e diz que tem o direito de bloquear a ajuda porque diz que o Hamas a apreende para seu próprio uso.
O tribunal com sede em Haia foi solicitado a dar uma opinião consultiva, uma resposta não vinculativa, mas legalmente definitiva, nos últimos processos judiciais envolvendo Israel e a guerra de 18 meses em Gaza. Espera-se que isso leve vários meses.

O que é o Tribunal Internacional de Justiça?

Criada após a Segunda Guerra Mundial, a CIJ é um órgão da ONU e julga disputas entre países. Certos órgãos da ONU, incluindo a Assembleia Geral, podem solicitar opiniões consultivas dos 15 juízes do tribunal. Todos os 193 Estados-membros da ONU são membros da CIJ, embora nem todos reconheçam automaticamente sua jurisdição. No ano passado, o tribunal emitiu uma

condenação sem precedentes e abrangente do domínio de Israel sobre os territórios palestinos ocupados, considerando a presença de Israel ilegal e pedindo que ela terminasse. A Assembleia Geral da ONU buscou a opinião após um pedido palestino. A CIJ disse que Israel não tem direito à soberania nos territórios, está violando as leis internacionais contra a aquisição de território pela força e está impedindo o direito dos palestinos à autodeterminação. Israel e seu principal aliado, os Estados Unidos, não são membros do tribunal. No entanto, a Palestina é, e os juízes decidiram em 2021 que o tribunal tinha jurisdição sobre crimes cometidos em território palestino. **Fonte-Arab News**.

As diásporas judaicas não são postos avançados israelenses



YOSSI MEKELBERG
26 de abril de 2025



Soldados israelenses durante operações militares na Faixa de Gaza.

No meio do festival da Páscoa, durante o qual o povo judeu celebra a liberdade e a libertação, algumas dezenas de membros do Conselho de Deputados do Reino Unido, a maior organização que representa os judeus britânicos, tomaram a liberdade, no melhor sentido possível da frase, de expressar sua dissidência afirmando que não podem mais "fechar os olhos ou permanecer em silêncio" sobre a guerra em Gaza. Os 36 signatários da carta bastante directa, publicada no jornal Financial Times, não foram ingênuos o suficiente para acreditar que suas críticas públicas a Israel por quebrar o cessar-fogo no mês passado não seriam recebidas com críticas, ou mesmo hostilidade, da liderança de sua organização e de muitos outros entre seus mais de 300 deputados, bem como da comunidade judaica em geral.

No entanto, sua corajosa carta, que acredito que alguns deles admitiriam que estava muito atrasada, deve fazer muito bem na promoção de futuras discussões francas e honestas dentro da comunidade, e igualmente, se não mais importante, entre as diásporas judaicas e Israel. A resposta rápida à carta do Conselho de Deputados, que reclamou que "expor nossas queixas em público mina a força de nossa comunidade", foi algo entre bizarro e tirânico, especialmente para uma organização que afirma ser uma tenda ampla e democrática. Foi até relatado que os signatários da carta estavam enfrentando acções disciplinares. Isso representa uma abordagem desactualizada que argumenta que todas as divergências devem ser conduzidas dentro da comunidade, para evitar qualquer lavagem de roupa suja em público.

Também sugere que todos os representantes das comunidades judaicas são obrigados a sempre apoiar as políticas israelenses, pelo menos em público, mesmo que elas vão contra o que acreditam ser certo para Israel e para suas próprias comunidades. Falando francamente, a carta, por mais importante que fosse, dificilmente era um ataque raivoso ao governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. Foi uma crítica comedida e objectiva a um governo que violou um acordo de cessar-fogo e mais uma vez liberou seu poderio militar, com pouca ou nenhuma diferenciação entre militantes do Hamas e civis.

Existem centenas de milhares de israelenses, se não mais, que teriam acrescentado suas assinaturas a esta carta se tivessem a oportunidade. Para os signatários declararem que "a inclinação para desviar os olhos é forte, pois o que está acontecendo é insuportável, mas nossos valores judaicos nos obrigam a nos levantar e falar", foi uma demonstração de coragem diante dos assassinatos e devastação inabaláveis que estão sendo desencadeados por causa das segundas intenções de Netanyahu, não para o bem do país e de seu povo. Argumentar que o motivo do retorno à guerra teve mais a ver com a manutenção da coalizão de Netanyahu, pois ele cedeu aos desejos do ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, com o objectivo de facilitar o retorno de seu partido ao governo, é uma opinião legítima que muitos de nós compartilhamos com aqueles que redigiram esta carta.

Seus autores foram castigados por sua organização porque outros dentro dela não concordam com eles, ou por medo de serem vistos como desunidos? O que deve vir primeiro? Uma falsa demonstração de unidade? Ou uma declaração de membros de uma comunidade pluralista reconhecendo que pelo menos alguns deles estão indignados com o facto de manter Netanyahu no poder às custas de tantas vidas e continuar a privar mais de 2 milhões de palestinos de alimentos, suprimentos médicos e combustível, enquanto condena mais pessoas inocentes à morte e ao sofrimento, incluindo os reféns israelenses?

Argumentar, como faz a carta, que este "mais extremista dos governos israelenses está incentivando abertamente a violência contra os palestinos na Cisjordânia, estrangulando a economia palestina e construindo mais novos assentamentos do que nunca", é algo sobre o qual há um consenso internacional, que inclui o governo do Reino Unido. E expor essa declaração em público, apesar da falta de consenso dentro da comunidade judaica, reflecte uma saudável diversidade de opiniões. Isso torna a carta ainda mais significativa do que seu conteúdo real. Michael Wegier, executivo-chefe do Conselho de Deputados, disse que "levar o debate legítimo e muitas vezes doloroso dentro de nossa comunidade para as páginas de cartas dos jornais nacionais e semear confusão sobre a posição da comunidade como um todo é um precedente míope e perigoso". Essa resposta reflecte uma visão muito estreita de uma comunidade dentro de uma sociedade e a liberdade de expressar uma opinião sem ser silenciado.

Uma das muitas características cativantes das comunidades judaicas em todo o mundo é que elas são inerentemente pluralistas e acham difíceis concordar sobre quase tudo. A maioria deles ama Israel, cuida de sua segurança e prosperidade e está unida em profunda tristeza e pesar diante do horrível massacre de 7 de outubro realizado pelo Hamas. Naquele momento de tragédia colectiva, todas as comunidades judaicas expressaram seu horror e apoiaram inequivocamente Israel em sua hora mais sombria de necessidade. Mas, considerando a conduta dos militares de Israel em Gaza e na Cisjordânia, que é moralmente indefensável e, aos olhos de muitos, compromete e ameaça a sobrevivência de Israel a longo prazo, há aqueles dentro da comunidade que estão prontos para se levantar e ser contados em oposição amigável.

Eles estão prontos para fazer isso porque as acções de Israel entram em conflito com seus próprios valores e com o que eles acreditam ser bom para ambos os lados, mas também porque afecta as comunidades judaicas na diáspora. Desnecessário dizer que nenhuma manifestação de antissemitismo, nem de islamofobia, pode ser remotamente justificada ou desculpada, e há aqueles estúpidos, chamados activistas pró-palestinos, que estão explorando a guerra em Gaza para desencadear seu próprio ódio aos judeus. Quando isso acontece, é uma questão para as organizações de aplicação da lei lidarem. Mas também não pode ser uma razão dentro das comunidades judaicas para silenciar vozes críticas a Israel.
Setenta e sete anos após o estabelecimento do Estado judeu, suas relações com as comunidades judaicas em todo o mundo evoluíram. Israel não pode exigir apoio cego, ou mesmo qualquer apoio, se se comportar em violação do direito internacional e do direito internacional humanitário ou, como a carta dos membros da organização britânica deixa claro, em violação dos valores e da moralidade judaica. A afinidade natural entre Israel e os judeus, comunidades da diáspora não está em dúvida. Mas não deve, em hipótese alguma, ser confundida

com a aquiescência automática às políticas dos governos israelenses. Há uma existência judaica em Israel e há uma fora dele, e nenhuma é superior à outra. Um governo israelense que gostaria de desfrutar do apoio total de todo o povo judeu em todo o mundo tem que merecê-lo. O actual governo, nas suas tentativas de demolir tanto o sistema democrático em Israel como qualquer oportunidade de paz e reconciliação com os palestinianos, não fez nada para merecer esse apoio total.

Yossi Mekelberg é professor de relações internacionais e membro associado do Programa MENA- Médio Oriente e Norte de África - da Chatham House. X: @YMekelberg.

Isenção de responsabilidade: As opiniões expressas pelos escritores nesta sessão são próprias e não reflectem necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**